

# INFOSLOF

Nº 05 | Ano I

## EDITORIAL

A poesia concreta das esquinas utópicas nos encantam, nos fazem sonhar, incitam o desejo que nos leva mais além, sem chegarmos jamais. E, assim, caminhamos, sempre.

Aqui, um tempo, nosso último INFOSLOF do ano. Com muitos desafios vencidos, outros estabelecidos e um 'f' pendurado, pronto para cair. Ao longo deste ano, fizemos o inimaginável antes. Passamos por lindas paisagens, descobertas de parcerias de trabalho e mãos que se podem contar para seguirem juntas, cravamos em letras a nossa indignação e reiteramos a nossa decisão pelo trabalho na Escola. Nós nos surpreendemos em muitos aspectos. A nós mesmos e a outros.

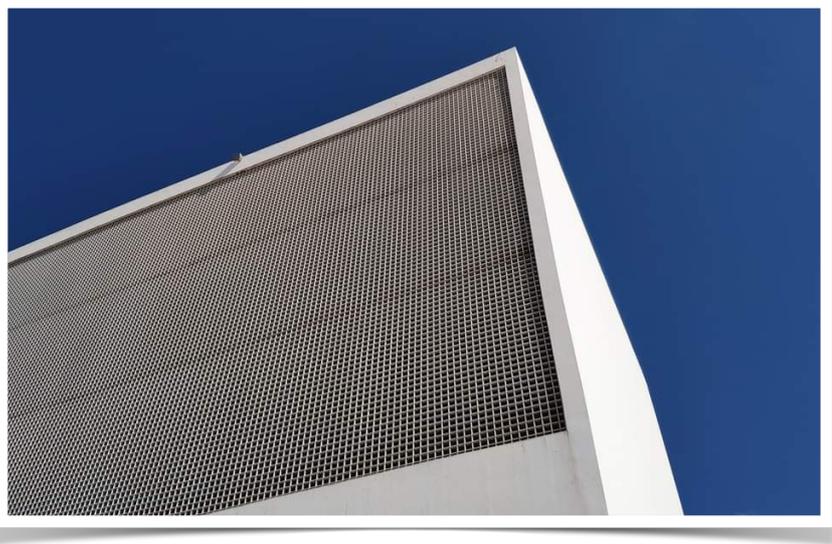
É muito bom fechar o ano assim. Este boletim foi o grande testemunho de nossos esforços e conquistas. Neste número, uma síntese dos melhores momentos com os quais fecharemos 2020 - que, de muito difícil, se fez muito gratificante.

Do que não se pretende tanto, que sozinho não dá liga e não constrói - tal como cimento, areia e pedra, extraímos poesias e promessas.

Seguimos. Até bem breve. Festejemos.

### Imagem de capa:

Detalhe da fachada da Biblioteca Nacional de Brasília (DF)  
Projeto: Arq Oscar Niemeyer

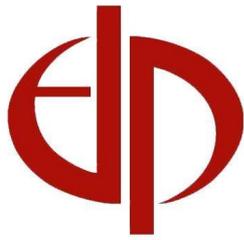


## Encerramento das Primeiras Jornadas da Seção Leste Oeste (em formação)

Elisa Alvarenga (EBP-AMP)  
Presidente do Conselho da SLOf

Essas Primeiras Jornadas de Cartéis da Seção Leste Oeste (em formação), sobre a formação do analista, evocam a importância do cartel em minha formação. Nos quatro anos que vivi em Paris, por exemplo, eu não era membro da Escola, mas me sentia parte da comunidade de trabalho da ECF, porque sempre estava em um cartel.

O cartel é, para mim, um importante instrumento de trabalho e de laço. Para além do intercâmbio clínico, epistêmico e mesmo político, ele pode ser usado para realizar tarefas na Escola: discussões clínicas nos CPCTs, preparação de jornadas e relatórios de encontros. É o que nos ensina Lacan ao inspirar-se, no seu texto "A psiquiatria inglesa e a guerra", nos grupos operativos organizados por Bion e Rickmann, para elaborar sua proposta do cartel como órgão de base da Escola. Publicado em 1947, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, esse texto traz o testemunho de Lacan de uma experiência realizada por esses psiquiatras durante a guerra com os recrutas que afluíram para o hospital militar sob a rubrica da inadaptação, das delinquências e das reações psiconeuróticas. O método de trabalho inventado por esses psiquiatras, servindo-se da inércia fingida do psicanalista com esses pacientes, consistia em formar grupos sem líder, definidos por um objeto de ocupação, inteiramente entregues à



Escola Brasileira  
de Psicanálise  
Leste-Oeste  
(em formação)

## Quem somos

### Diretor Geral:

Rômulo Ferreira da  
Silva

### Diretora Secretária-

**Tesoureira:** Ordália  
Alves Junqueira

### Diretor de Intercâmbio e Cartéis:

Ary Farias

### Diretora de Biblioteca:

Bartyra Ribeiro de  
Castro

### Conselho da SLOf

Elisa Alvarenga  
(Presidente)  
Renato Carlos Vieira  
(Secretário)  
Cristiano Alves Pimenta  
Fábio Paes Barreto  
Geraldo Alberto Viana  
Murta.  
Tania Regina Anchite  
Martins

### Comissão de Publicação

Denizye Zacharias  
Lucas Fraga Gomes  
Ricardo Rezende

iniciativa dos homens. O resultado foi a constituição do “espírito de grupo” e a realização de um trabalho coletivo escolhido pelos grupos, reerguendo o sentimento de dignidade desses homens.

Não é à toa que evoco essa experiência no encerramento das Primeiras Jornadas de Cartéis da Seção Leste-Oeste (em formação), onde fizemos uma escolha pela inclusão de um número grande de trabalhos - muitos de jovens, que pudemos, assim, conhecer através de seus textos - em detrimento do tempo de debate de cada trabalho. É impressionante e alvissareiro que uma Seção da EBP em formação tenha tido tantos trabalhos endereçados às suas primeiras Jornadas, enlaçando colegas de quatro cidades que até um ano atrás não tinham laços de trabalho entre elas. Talvez por isso, Heloisa Caldas, Presidente da EBP, se dirija a nós simplesmente como Seção Leste-Oeste. Retomando o que disse Romildo sobre uma ética que incide na singularidade como equivalente da dignidade, considero que nossas Jornadas foram um ato que dá à Seção Leste-Oeste uma nova dignidade: cruzamos o Rubicão.

Essas Jornadas aconteceram graças ao desejo de muitos, mas em primeiro lugar, graças ao desejo de Rômulo Ferreira da Silva, seu Diretor, que insistiu na sua realização desde o início, sem ou com pandemia, e deu o pontapé inicial para torná-las possíveis. E finalmente, graças à transferência de trabalho em obra na Seção Leste-Oeste (em formação), da qual essas Jornadas são o testemunho vivo. As mesas de trabalho sobre o cartel e a formação do analista, a formação e a psicanálise aplicada, a transferência hoje, o feminino infamiliar e pedaços do real mostram o enlaçamento da Seção Leste-Oeste, não apenas com o cartel como órgão de base da Escola, mas com a formação e a prática da psicanálise e, finalmente, com os temas trabalhados pela EBP e pela AMP. Endossamos, assim, o ato de mapear uma nova geografia e de criar suas novas Seções, efetuado pelo Conselho da EBP, numa política do não todo que inclui os restos de cada um de nós. Restos porque, como nos transmitiu Romildo, não existe formação acabada. Os restos persistem, como sustentou Alberto Murta.

As perspectivas abertas pelo nosso trabalho e sustentadas por nossos convidados, Romildo do Rêgo Barros, com esse instigante Seminário sobre a formação e o ato analítico, que autentica o ato de criação da Seção Leste-Oeste e Nohemí Brown, que sublinha a maneira como colocamos à prova os dispositivos inventados por Lacan, mostram que estamos no bom caminho para tirar consequências desse primeiro ano de trabalho, com a efetivação da Seção Leste-Oeste. Com Jacques-Alain Miller podemos dizer que esse lugar é o laço que cada um de nós faz existir com o seu desejo e o seu trabalho.

Agradeço ao Romildo, de maneira especial, esperando que a Seção Leste-Oeste entre junto com ele na Diretoria da EBP e a Nohemí Brown, que prontamente aceitou, com sua gentil firmeza, selar a importância dos cartéis para nossa Seção. Agradeço à Diretoria - Rômulo, Ordália, Bartyra e Ary - e ao Conselho - Renato, Cristiano, Fábio, Tânia e Alberto - à Ordália, coordenadora das Jornadas e toda a sua equipe, às minhas parceiras da comissão científica, Ruskaya Maia, Carla Serles e Denizye Zacharias, aos autores, aos coordenadores e a cada um que esteve presente e apostou nesse nosso encontro, apesar da distância que a pandemia nos impõe, mas que, paradoxalmente, nos aproxima e faz existir a Seção Leste-Oeste da Escola Brasileira de Psicanálise.

## É preciso tempo para que algo se produza...(\*)

Nohemí Brown (EBP-AMP)  
Diretora de Cartéis da EBP

Começo com um poema:

*Um bom poema  
Leva anos.  
Cinco jogando bola,  
Mais cinco estudando sânscrito,  
Seis carregando pedra,  
Nove namorando a vizinha,  
Sete levando porrada,  
Quatro andando sozinho,  
Três mudando de cidade,  
Dez trocando de assunto,  
Uma eternidade, eu e você,  
Caminhando junto.*

P. Leminski

O tempo é um instrumento próprio da experiência como o poeta nos transmite: há momentos e escansões necessárias para que se produza algo, para que se obtenha um produto. Ou, como indica J.-A. Miller: “O saber precisa de tempo, porque implica escansões que podem aportar resultados parciais, mas que produzem mutações ao problema inicial” [1].

O produto de um cartel, podemos dizer, é a extração de uma experiência de interação, dos enredos, das conexões que se fizeram ao longo dos encontros neste dispositivo. O saber e as ideias estão marcados por esses encontros, são elementos construídos em uma articulação de intercâmbios, para os quais é impossível atribuir todas as referências. Nisso, o que se destaca é a enunciação, sempre articulada ao enunciado, mas em uma posição diferente da autoria, da repetição ou da citação.

Isto é, o cartel implica a solidão do traço que causa a cada um, mas em um enlaçamento com os outros.

Neste sentido, o cartel é uma operação que enlaça 4 +1 e que tem em seu horizonte a Escola. É uma aposta que se renova a cada vez, como veremos nesta Jornada, como modo de estar na Escola e de fazer Escola.

É um privilégio estar nesta mesa de abertura de uma Jornada que recolhe o produto do trabalho em cartel. Primeira Jornada da Seção Leste-Oeste (em formação) que, neste ato inaugural, destaca o valor do cartel na Escola de Lacan. Agradeço aos colegas da Seção, o convite, feito por Elisa Alvarenga, para estar aqui junto com Rômulo da Silva e Ordália Junqueira.

Há uma observação de Mauricio Tarrab, nosso colega argentino, que me marcou e tem servido de bússola na minha função na Diretoria de Cartéis e Intercâmbio. Ao falar da ética que orienta a política lacaniana, ele situa, seguindo Miller, que não se trata de uma ética do dever ser, senão da ética das consequências. Do que de fato se produz. O que me tocou é a ênfase com que Tarrab coloca a questão. Ele diz: Trata-se de colocar à prova os dispositivos inventados por Lacan, não de acreditar neles. Trata-se de colocar à prova a política que implica a orientação

ao real e suas consequências em nível do grupo. Trata-se de colocar à prova o cartel, como dispositivo, para verificar para que nos serve na Escola e que usos fazemos dele [2]. E, me parece que estas Jornadas da SLOf, como carinhosamente é nomeada, são uma bela aposta e uma resposta neste sentido.

Assim, é com muita alegria, essa que vem do bom encontro, que vejo esta jornada como uma aposta que - como bem colocou Ary Farias em um dos boletins - visa uma formação que provém do trabalho efetivo.

Em um cartel se aprende a ler, a decifrar os textos e escritos. A tornar a letra de Freud, Lacan e outros uma letra viva que nos toca.

Se, no cartel, é necessário um trabalho para obter um saber. Não é um saber que está ali, imutável para ser incorporado, mas bem trata-se de um saber que se constrói e inventa, mas para isso é necessário que se preserve o lugar do furo.

É um trabalho que implica uma dosagem de esforço, mas não só, inclui, mas uma quota de consentimento para se deixar ensinar de outra maneira. Se bem, o caráter principal do cartel é a vertente epistêmica, precisa de um laço transferencial que coloque o germe de um desejo de saber para que, do trabalho de elaboração, possam se extrair efeitos de formação analítica.

O cartel se sustenta na transferência - de trabalho - mas se enoda com a análise pessoal e a supervisão e, neste sentido, se faz do cartel um dispositivo do qual se podem produzir “efeitos de formação”.

Como diz Lacan no *Ato de Fundação*, “o ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho”[3]. Contudo, não há garantias sobre os efeitos de formação, eles existem, sobretudo, quando o trabalho se enoda ao singular do trabalho analítico. Em outras palavras, uma pergunta sobre a formação do analista e como o cartel se articula a ela foi lançada para ser colocada a trabalho ao longo desta Jornada.

Me parece que os trabalhos que serão apresentados terão esse traço, o de transmitir o efeito que se decantou sob a forma de um produto e nisso algo da psicanálise se vivifica. É necessário tempo para produzir um poema!

Desejo a todos um bom trabalho nesta Jornada e uma oportunidade para se deixar tocar pela transmissão de cada um.

(\*) Abertura das 1<sup>as</sup> Jornadas da SLOf - 09 de outubro de 2020.

[1] Miller, J.-A. *Los usos del lapso*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 218.

[2] Tarrab, M. Una política por el cartel, entre ideal y Wirklichkeit “realidade efectiva”.

Disponível em: <http://www.eol.org.ar/template.asp?>

[Sec=publicaciones&SubSec=on\\_line&File=on\\_line/etextos/carteles/textos/tarrab.html](http://www.eol.org.ar/template.asp?Sec=publicaciones&SubSec=on_line&File=on_line/etextos/carteles/textos/tarrab.html)

[3] Lacan, J. Ato de fundação. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003, p. 242.

## Algumas impressões extraídas das Conferências de Romildo do Rêgo Barros (\*)

Ordália Junqueira - EBP/AMP (\*\*)

Romildo introduz sua fala apontando a feliz escolha do tema *Como se forma um analista* para uma 1ª jornada de uma seção que se inicia, dando acento no “como”, que é gravitacional, segurando o que pode haver de real na *formação do analista*. “Existe uma *formação do analista*, na medida que ela repousa nesse ‘como’ que dá a relação que ela tem com o real.” Nas duas Conferências, Romildo destaca dois pontos que estarão bem próximos desse “como”: *a formação e o tempo*, e *a formação e o ato*.

Abaixo, as impressões do destaque nesses dois tempos trilhados pelo psicanalista.

### I-A formação e o tempo

O *tempo* na formação pode-se notar na expressão “efeito de formação”, que rompe com a ideia de continuidade. A formação não tem muita estabilidade, denunciada em seus *efeitos* no “como”; na ideia de descontinuidade, na introdução do real na prática, a *contingência* aí está. Romildo traz a frase de Miller (2001/2002), que resume quase tudo na relação da *formação e tempo*: “Como se formam os analistas? A resposta será dada no nível da *descrição*. A *prescrição* nessa matéria bem poderia ser apenas uma *utopia*.” [1]

O autor destaca três dimensões temporais dessa frase - a *descrição*, no dizer o que se está observando/vendo; a *prescrição*, no que se pode esperar/prever para o futuro; e a *utopia*, que seria a ambição para o futuro dentro de uma falsa *descrição*, uma imaginarização da *prescrição* - para nos conduzir a “encruzilhada” temporal, ao *entrechoque* de tempos diferentes em que os analistas estariam, onde a palavra *formação* seria insuficiente “a menos que pensemos que saibamos o que é um analista”. Diante desse *entrechoque* temporal, pode-se dizer que a Escola é uma função desse *não saber* o que é um analista, abarcando o impossível e tendo a ver com essa tripla temporalidade.

Na verdade, a formação do psicanalista se dá numa passagem *contingencial*: é necessário que haja um elemento de surpresa, um ponto de encontro nesses três tempos que é a *contingência*. Considerando que “recobre-se uma contingência com uma continuidade, que conduz à *utopia*”, Romildo retomará a *utopia* em sua origem etimológica *u-topos*: você pode ter uma ideia, um ideal, “mas não tem o *lugar* onde se encontra a aplicabilidade desse ideal, sendo esse o coração da utopia.” A utopia possui uma dificuldade de raiz, de base na construção do “como”: A ideia que procura um lugar, mas o lugar é “u-topus”: *lugar sem lugar*: não estamos no futuro.

Para o autor, no casamento imaginário *utopia-futuro* pode existir uma chance de não pensar que a *formação do analista* seria a construção de uma “forma”. Assim, esse ponto de *entrechoque* temporal em que temos a *contingência*, “seria aquilo que faz uma *ruptura* e algo novo aparece e o sujeito deverá responder a essa novidade”. Está no coração da Escola saber *o que é um analista*; a Escola de Lacan vive disso, e perderia seus alicerces se existisse uma resposta. Em suma, conclui Romildo, a Escola não é uma *utopia*, ela se estrutura como uma prática que opera na descontinuidade e, talvez por isso, Lacan, em 1964, disse que “os cartéis são a base da Escola”, no sentido de um *lugar anti-utópico*.

Seguindo, aponta a formação estando em *entrechoque* com a aprendizagem: “Todos esses saberes, é preciso não aprendê-los, mas sim tê-los aprendido.” [2] A aprendizagem precede a formação, ou seja, a descrição da formação se faz a partir do que se soube. A formação verdadeira consiste em ignorar o que se sabe, sendo um processo “muito fino e delicado” por existir uma desconstrução de saber. Romildo confessa que caminhamos em um terreno “escabroso”, considerando que ela renega a formação de uma intelectualidade, onde há uma

necessidade de não se perder o real de vista, pois nosso caminho é descontínuo e o analista aprende nesses pontos de intervalos mínimos da *contingência*.

Por fim Romildo traz a premissa: “Não há analista formado!” Há uma temporalidade particular, nada cronológica e um paradoxo: o analista nunca se prevalecer de uma formação acabada, por existir na formação um real em jogo, um ponto de impossível que não pode ser traduzido em lei. O conjunto de regras universais não serve para definir nem o analista nem sua formação, pois o “efeito” para cada um de seminários, análise e supervisão são desproporcionais, com dosagem singular. No seminário da ética, lemos que o psicanalista se forma na relegação da técnica em benefício da ética, assim o analista se forma no divã. Romildo conclui que o *ato* do psicanalista é sua ética.

## II- A formação e o *ato*

Romildo inicia a 2ª Conf. indicando, no Sem. 15, 2 exemplos do que pode ser entendido do *ato psicanalítico*: o 1º de alguém entrando em análise e o 2º alguém se instalando como psicanalista, sendo que, acentuando a passagem de um para outro se pode falar dessa dimensão do ato psicanalítico, no qual há qualquer coisa que muda em dois níveis: uma no significante mestre, no S1: “quem eu sou” e outra na necessidade de uma *mudança subjetiva*. “Um ato, por mais simbólico que seja, deixa rastros no real sendo, justamente, desse rastro, que se pode apreender a dimensão do ato.” No *discurso à EFP*, Lacan (1967) pergunta se a *Proposição sobre o analista da Escola* poderia ser chamada de *ato* [3] respondendo que depende: terá sido um *ato* se no “a posteriori” se demonstrar que teve ali um *efeito de ato*, uma ruptura de um antes e um depois, que exige uma passagem de uma negativa para uma afirmativa, uma *transgressão*, de tal modo que as coisas nunca mais serão como antes, em uma dimensão real: os rastros deixados no real para se compreender uma *ruptura*. Romildo pergunta: o *ato* terá sido uma interpretação, *para quem*? Responde: para os alunos na época e para nós hoje; para a Escola “como tal”; para quem se sentiria interpretado por uma *Proposição* que “pede de nós depoimentos, testemunhos, de como funcionou como impacto, e em que nos mudou para sempre”.

Em Turim, Miller (2000) [4] fez um discurso que, 2º Romildo, interessa a todos nós até hoje, destacando uma questão: “Será que uma Escola pode ser um sujeito?” Miller responde que sim, que uma Escola é um sujeito. No momento que levaria a um sujeito de direito - a EBP por ex. - algo mudou para sempre, marcando uma *ruptura* com o que havia antes: sem se saber o que era no passado e sem se saber o que será no futuro. Miller propôs que a Escola pode ser tratada e interpretada como sujeito, nomeando o momento que a precede de *movimento de subjetivação*, movimento desejante que se dá até a formalização legal. Antes disso, o que existe é um tempo que se sustenta no desejo daqueles que irão dar existência a fundação. O desejo sendo a base, o fundamento do *movimento de subjetivação* sendo que o futuro sujeito se sustentará no movimento do desejo.

O autor cita Miller (2001): “Ela entra em um processo de formação cujo conceito comporta que ele se de a céu aberto porque deve ser subjetivado por uma comunidade que só pode se constituir no próprio movimento dessa subjetivação.” [5] Assim, a comunidade se constitui aos poucos, já existindo antes, no processo de *movimento de subjetivação*, sendo que o sujeito que se espera que apareça no final, é a comunidade, o sujeito do coletivo. Romildo destaca as *1as Jornadas SLOf* “... está acontecendo algo de acordo com esse movimento e temos o direito de esperar da SLOf, deste acontecimento, *efeitos de formação* e de transformação.” Uma jornada ajuda a colocar em prática a existência de uma nova seção da EBP, que foi redesenhada pela *nova geografia* com unidades, até então, separadas legalmente. Há um destaque no aparecimento da intenção e o poder de fazer as duas mudanças ditas no início: do S1 e da *subjetivação*, ressaltando que isso, de fato, passe a ser vivido com seus efeitos de *ato psicanalítico*, que esse acontecimento histórico produza um *ato*, lembrando a travessia do Rubicão, que foi necessário uma decisão, um *ato* de Júlio César para uma *nova geografia* romana. [6]

Na compreensão do ato como algo que vai além da política, uma diferença temporal importante a ser considerada: o ato vindo como transgressão, qualquer coisa fora da lei, que essa lei não alcança a passagem do antes do ato para os efeitos do ato. Um momento sem

dimensão, sem duração cronológica, que Romildo aponta ser fundamental o registro de que existe algo que passa a existir que não existia antes. “Estamos vivendo essa experiência. Nunca mais esse ato de fundação da SLO terá a mesma característica.”

Romildo encerra, convidando todos a pensarem no significado da retomada do movimento do desejo depois do ato, algo que a experiência da Escola de Lacan poderá nos ensinar. A consideração lacaniana do real como algo que não cabe nos instrumentos simbólicos faz com que “estejamos sempre no *movimento de subjetivação*, ou seja, a Escola está sempre sendo fundada, mesmo que já exista legalmente.”

---

(\*) Produção do texto norteadas pelas impressões vindas da escuta das *Conferências I e II* proferidas por BARROS, Romildo do Rêgo, AME/EBP/AMP, em 9 e 10 de outubro de 2020, nas *1as Jornadas da Seção Leste Oeste* (em formação): *Como se forma um analista*.

(\*\*) JUNQUEIRA, O.A., Membro EBP/AMP, diretora geral das *1as Jornadas da Seção Leste Oeste* (em formação), op. Cit.

[1] MILLER, J-A. (2001). *Para introduzir o efeito-de-formação*. In: *Correio. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, n. 37, 2002, p. 08-15.

[2] Ibid.

[3] LACAN, J. (1967) *Discurso na Escola Freudiana de Paris*. In: *Outros Escritos*. RJ: Zahar, 2003, p. 265.

[4] MILLER, J-A. (2000) *Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola*. In: *Opção Lacaniana online, nova série, ano 7, n. 21, nov./ 2016, ISSSN 2177-2673*. Site: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_21/Teoria\\_de\\_Turim.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Teoria_de_Turim.pdf).

[5] MILLER (2001), op. Cit.

[6] A frase "atravessar o Rubicão" passou a ser usada para referir-se a qualquer pessoa (ou grupo de pessoas) que tome (m) uma decisão arriscada de maneira irrevogável, sem volta. Aqui, no caso, um *ato*.

## AGENDA - Novembro/2020

- **Atividades das terças-feiras (20h30):**

**Dia 03**

**Conselho da EBP**

**Dia 10**

**Atividade Preparatória para o XXIII Encontro Brasileiro**

Apresentação: Sônia Vincente - EBP/AMP

Coordenação: Ordália Junqueira - EBP/AMP

**Dia 17**

**“O lugar e o laço” - Cap VIII “O último ensino de Lacan”**

Seminário de Orientação Lacaniana

Apresentação: Fabio Paes Barreto - EBP/AMP

Coordenação: Renato Carlos Vieira - EBP/AMP

**Dia 24**

**Noite de Cartel**

Apresentação: Nohemi Brown - Diretora de Cartéis da EBP

Coordenação: Ary Farias - EBP/AMP

- **Seminário ao próprio risco:**

Dias 12 e 26 – às 20h

**“O CASO CLÍNICO: construção e relato”**

Seminário Clínico on-line (GO e DF)

Responsável: Ordália Alves Junqueira - EBP/AMP

**I JORNADA SEÇÃO LESTE OESTE em formação da EBP--AMP 09-10/10-2020:****“COMO SE FORMA UM ANALISTA.” [VIRTUAL, Plataforma ZOOM]****DIRETOR GERAL: ROMULO FERREIRA DA SILVA (SP)  
COORDENAÇÃO GERAL: ORDÁLIA ALVES JUNQUEIRA (GO)  
CONVIDADO ESPECIAL: ROMILDO DO REGO BARROS (RJ)****RELATÓRIO FINAL**

TOTAL de trabalhos recebidos: ..... 29 (vinte e nove)  
TOTAL de trabalhos selecionados: ..... 26 (vinte e seis)  
MESAS de trabalho: ..... 5 (cinco)  
MESAS de conferência: I e II ..... 2 (duas)  
MESA de abertura e MESA de encerramento..... 2 (duas)  
TOTAL DE MESAS JORNADAS:..... 09 (NOVE)  
TOTAL de participantes: ..... 216 (duzentos e dezesseis)  
TOTAL de certificados: .....251 (duzentos e cinquenta e um)  
TOTAL PAGANTES: ..... 207 (Duzentos e sete)  
TOTAL CORTESIA: ..... 09 (Nove)

**PERCENTUAL POR CATEGORIA:**

1. PROFISSIONAL: ..... 81%
2. ESTUDANTE: ..... 7,2%
3. MEMBRO: ..... 11,1%
4. CORTESIA: ..... 0,7%

**Ordália Alves Junqueira**  
Diretoria secretaria/financeira SLOf.  
Coordenadora Geral das 1as Jornadas SLOf.